

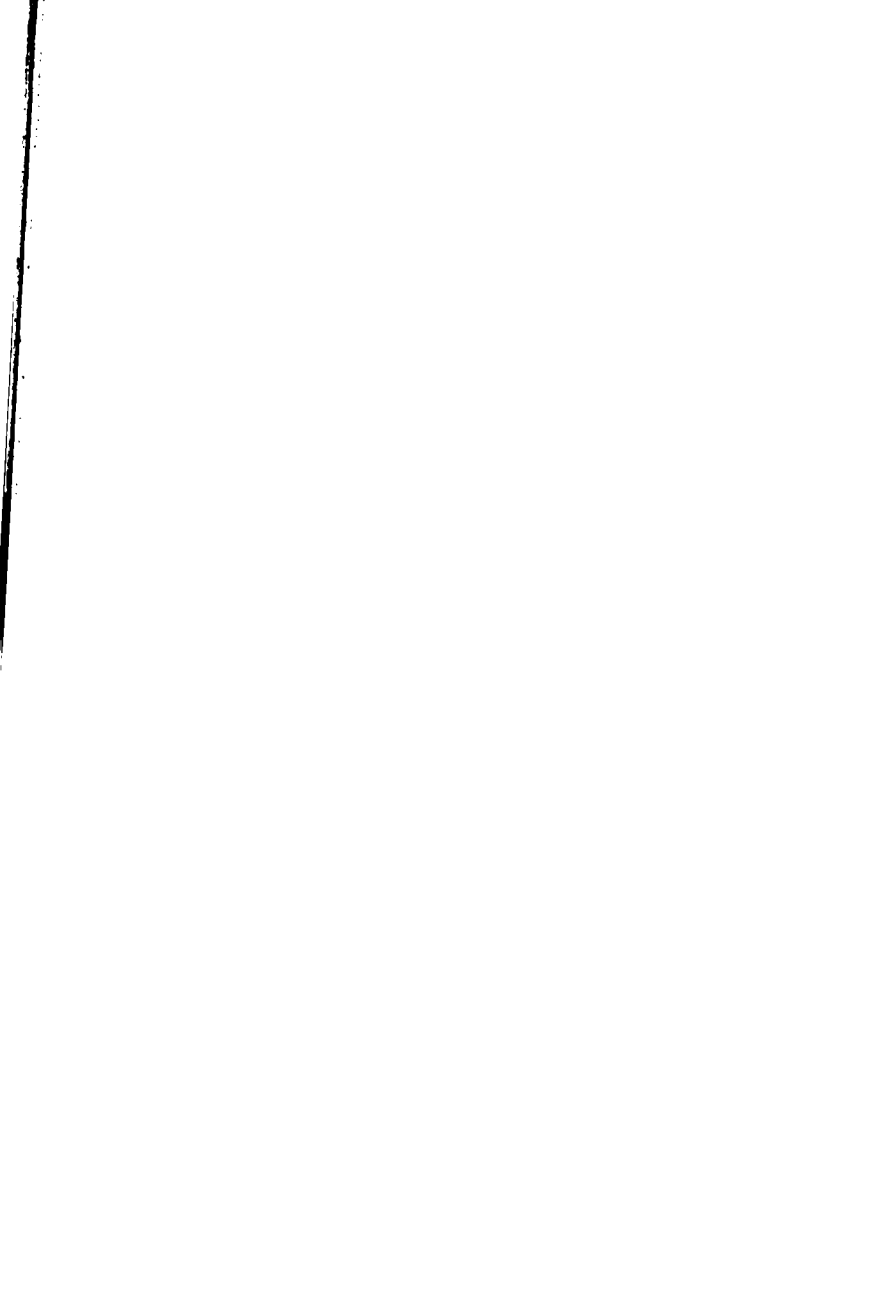
VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

24

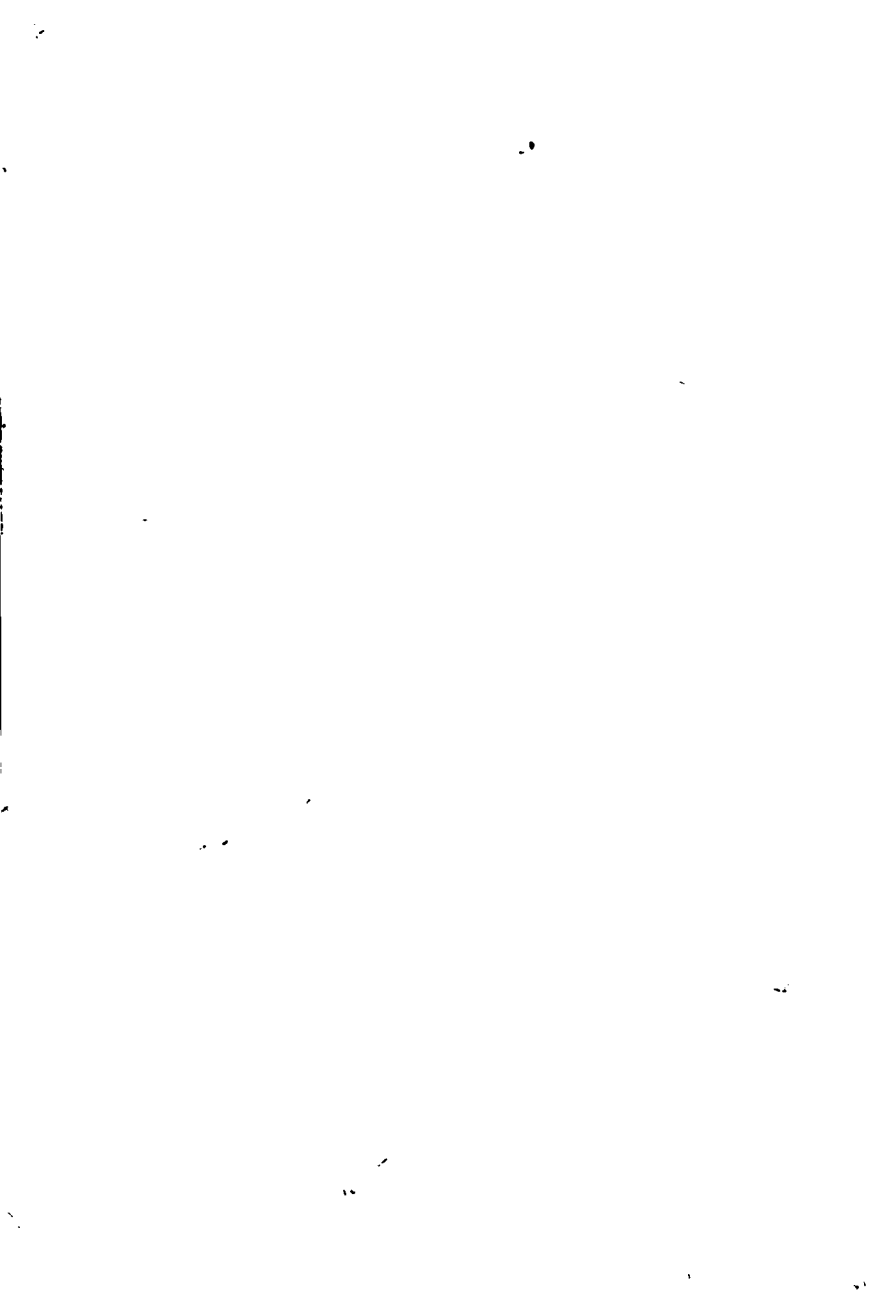
**Os Mormons
ou Santos
dos Últimos dias**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**



CV
10/10/70

OS MORMONS OU SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 24

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

**Os Mormons
ou
Santos dos Últimos Dias**

**PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FÉ
EDITORA VOZES LIMITADA
1959**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

Título do original inglês: Mormons or Latter-Day Saints.
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.
Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

OS MORMONS OU SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS

Escrevo êste livrinho por um senso de dever para com os próprios Santos dos Últimos Dias, mesmo mais do que para outros que pudessem estar interessados no estudo de uma religião tão notável quer pela sua natureza quer pelas suas realizações. Pois estou convencido de que muitos bons e sinceros crentes do Livro de Mormon, professando-se cristãos, como se professam, realmente não se dão conta das reais implicações dos ensinamentos que até agora tomaram como pressupostos. E nem por um momento penso que êles desejariam considerar como uma explanação da religião de Cristo aquilo que na realidade é uma contradição dessa religião — se verdadeiramente ela fôsse tal.

Por certo, eu sustento que, diferindo, como diferem, das crenças dos cristãos mantidas durante dois mil anos, e dependendo, como dependem, de interpretações da Bíblia opostas às de todos os grandes sábios cristãos, antigos e modernos, as crenças dos Mormons são inconciliáveis com a Fé Cristã.

Mas, embora isso corra por conta de uma aparente falta de simpatia de minha parte para com o sistema religioso que discuto, entretanto não significa que em qualquer tempo eu haja conscientemente ignorado as exigências da exatidão; e ainda menos implica que eu tenha falta de caridade para com as pessoas dos próprios Mormons. Se assim fôsse, êste livrinho nunca teria sido escrito.

MISSIONÁRIOS DE UTAH

Bem recentemente, bateram-me à porta dois jovens Americanos, pedindo ver-me. Foram introduzidos na sala de recepção, e, quando entrei alguns momentos depois, êles se levantaram para se apresentar, de maneira muito cavalheiresca e cortês. Disseram-me que eram missionários de Utah, representando a "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias", e que por um católico tinham sido aconselhados a obter de mim esclarecimentos que não tinham podido obter dêle.

"Então os srs. são Mormons", disse eu.

"Popularmente somos chamados dêsse modo", respondeu o mais velho dos dois, "mas preferimos o título de "Santos dos Últimos Dias". Embora aceitemos o Livro de Mormon, a denominação oficial da nossa Igreja é essa que lhe demos".

Quando nos sentamos, êles me contaram a sua história. Andando de porta em porta, pedindo ao povo considerar a sua explicação de uma dispensação religiosa para os cristãos, êles não podiam deixar de surpreender-se com a sua incapacidade de fazer qualquer impressão nas pessoas católicas. Da parte de outros, muitas vêzes havia interesse, e sempre incerteza. Mas os Católicos justamente não queriam ouvir coisa alguma sôbre outras religiões. E, quando êles perguntaram a um católico como era que êle podia conciliar com os claros ensinamentos da própria Bíblia a certeza que êle tinha da sua fé, foi então que êles me foram encaminhados.

O mais mômço dos dois exibiu então um exemplar da Versão Douay da Bíblia, no qual os versículos que êles consideravam como falando contra as Igrejas Cristãs ortodoxas e em favor do Mormonismo haviam sido su-

blinhados com tintas de diversas cores. Tive de lhes dizer que absolutamente não tinha intenção de travar discussão sobre o significado de uma multidão de textos, no breve tempo de que dispúnhamos. Mas concordei em lhes dar a explicação em busca da qual eles tinham vindo, tornando-lhes clara a atitude que a vasta maioria dos católicos imediatamente adota em face de esforços feitos para os ganhar para qualquer outra religião. E apresentei-lhes brevemente os fundamentos escriturários, históricos e racionais para a convicção católica de que, se a Igreja Católica não é a única verdadeira Igreja de Jesus Cristo, absolutamente não existe nenhuma Igreja verdadeira, de acordo com os requisitos bíblicos.

Eles escutaram pacientemente, atentamente mesmo. Não se mostraram ressentidos com a minha sugestão de que as próprias qualificações deles dificilmente se podia esperar tivessem peso contra a autoridade docente da Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica de todos os séculos. Com singeleza admitiram a sua falta de erudição bíblica, e a sua ignorância da história da Igreja Cristã desde os tempos apostólicos. Apenas disseram que acreditavam nos particulares episódios históricos que o Livro de Mormon narrava, e nas revelações divinas proclamadas pelo seu profeta Joseph Smith e continuadas entre os Santos dos Últimos Dias. Estas é que lhes haviam sido ensinadas; e eles nunca tinham visto razão qualquer para duvidar delas; e tinham sido enviados para fora de Utah a fim de explicar as suas doutrinas a todos os homens de boa vontade.

Eles se retiraram, pedindo desculpas de haverem tomado o meu tempo, e dizendo que haviam compreendido a necessidade de aprofundar mais a matéria. Por minha vez, resolvi também olhar mais de perto o Mor-

monismo dêles, e estou expondo os resultados do meu estudo para uso de outros interessados no assunto, e não menos, como já disse, para benefício dos próprios Mormons.

O PROFETA JOSEPH SMITH

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é assim chamada por pretender oferecer a plenitude da revelação que Deus fêz à humanidade por meio de Jesus Cristo — plenitude que foi reservada a êstes últimos tempos, e aos “santos”, ou àqueles que querem fazer-se discípulos dos novos ensinamentos conforme ensinados por Joseph Smith.

Obviamente devemos começar perguntando quem é êsse Joseph Smith. E imediatamente topamos com dificuldades, pois temos de resolver se a história da vida dêle revela um homem que se afigure a espécie de pessoa que Deus teria escolhido para tal missão.

Joseph Smith, filho de um fazendeiro, nasceu em Sharon, Vermont, E.U.A., a 23 de dezembro de 1805. Sua família mudou-se para Palmyra, em 1815, e, quatro anos depois, para a pequena cidade de Manchester, Ontário, County, N.Y. Todos os biógrafos concordam em que Joseph recebeu pouca ou nenhuma instrução no sentido escolástico do têrmo. Os próprios Mormons, como veremos, insistem muito nisto.

Nervoso, êle era altamente temperado, e sujeito a ataques epilêpticos a que mais tarde chamou tran-ses, e durante os quais pretendia que lhe advinham visões celestes. Mas êle próprio provou-se um inventor tão arguto e tão pouco dotado de qualquer senso de veracidade, que é impossível tomar a sua palavra como sendo a realidade das suas experiências. O Dr. Edward Fairfield, antigo presidente do Michigan College, disse que três testemunhas que haviam conhe-

cido pessoalmente Joseph Smith desde dez anos de idade lhe disseram que “êle era simplesmente um mentiroso notório”. Mas por que teria êle volvido a sua atenção para o campo religioso?

Para compreender isto, devemos-nos lembrar de que, durante a primeira metade do século dezenove, uma onda de entusiasmo evangélico varreu tôda a América. Metodistas, Campbellistas, Congregacionalistas, Milleristas, Shakers e outros procediam, um após outro, a reuniões reavivamentistas, pondo distritos inteiros em fermentação religiosa e despertando as mais vivas controvérsias. Frenesi e histeria tornaram-se a ordem do dia. Novas religiões — cultos esdrúxulos com crenças loucos — brotaram como cogumelos durante aquêl período emocional. E o excitável Joseph Smith não deixou de ser afetado pela atmosfera reinante, de superstição e de credulidade.

Nesse comenos, veio para Manchester um pregador reavivamentista, ex-Batista, chamado Sidney Rigdon, que aderira aos Campbellistas. Rigdon era um homem bem educado, inteligente, e dotado de grande facilidade na citação das Escrituras. Veio-lhe porém o pensamento de que, em vez de pregar as doutrinas de Alexandre Campbell, êle podia do mesmo modo erigir-se em mestre de Israel e pregar o seu próprio sistema. Por isto decidiu dar ao mundo uma revelação totalmente nova. Em Joseph Smith, com quem se encontrou nesse tempo, achou êle um cooperador de boa vontade, embora no fim êle é que tenha sido reduzido a cooperar com Joseph Smith. Porque Joseph Smith tinha as qualidades psicopáticas necessárias para um “visionário”, qualidades que faltavam a Rigdon.

EXPERIÊNCIAS MÍSTICAS

Diz-nos Joseph que, pelo ano de 1820, tendo então uns quatorze anos de idade, teve a sua primeira visão. Declara que, no meio de tôdas as pretensões antagônicas das diferentes seitas protestantes, êle se interessou por saber à qual Igreja deveria aderir. Deu-se a uma fervorosa oração, durante a qual Deus Pai e Jesus Cristo simultâneamente lhe apareceram e lhe disseram que “a nenhuma”, visto que tôdas as Igrejas existentes estavam erradas.

Três anos mais tarde, de acôrdo com o seu próprio relato, êle foi visitado por um anjo chamado Moroni. Esse anjo lhe disse que havia um livro, de lâminas de ouro, dando um relato dos primeiros habitantes da América e contendo a plenitude do evangelho eterno como a êles fôra revelado. Essas lâminas estavam enterradas na terra. Joseph Smith foi o único designado para desenterrá-las, e com elas êle acharia dois “óculos”, duas mágicas pedras transparentes medidas em aros de prata, as quais Deus preparara para o habilitar a traduzir o que estava escrito nas lâminas. Todavia, não devia êle tentar recuperar as lâminas antes de quatro anos passados. Depois o anjo lhe deu uma visão do lugar delas, de modo que êle fôsse capaz de reconhecê-lo mais tarde quando lá fôsse.

Escusa dizer que Joseph Smith ficou inteiramente excitado pelo pensamento de haver sido escolhido para restabelecer na terra a real Igreja de Jesus Cristo. Mas possuiu a sua alma em paciência até que, decorridos quatro anos, por ordem do anjo foi e achou as lâminas no lado oeste da colina Cumorah, a quatro milhas de Palmira, péto da estrada para Manchester. Com elas estavam os “óculos”. E êstes habilitaram-no milagrosamente a ler a linguagem de aparência es-

trangeira gravada nas lâminas, entendendo-as êle em inglês. Assim, levou consigo as lâminas e os óculos, ditou a uns escribas uma tradução delas, e, quando acabou, foi-lhe ordenado devolver as lâminas e os óculos ao anjo Moroni, que as levou para sempre dêste mundo!

Estas pretensões são tão extravagantes, que a custo parece necessário refutá-las; todavia, até o dia de hoje todos os que se fazem Mormons, espera-se que as aceitem. Por isto devemos penetrar mais a fundo no assunto.

AS LÂMINAS DE OURO

No dizer de Joseph Smith, as lâminas que êle achou estavam gravadas numa língua desconhecida; mas, com o auxílio dos “óculos”, aos quais chamava “Urim” e “Thummin”, êle foi capaz de decifrar e de traduzir para o inglês as incrições.

A “língua desconhecida” nunca foi identificada. Desde então os Mormons têm dito que ela era “Egípcio Reformado”, mas foi provado que nunca houve estilo de hieróglifos “Egípcio Reformado”. Joseph Smith declarou que mostrou uma cópia dos caracteres que êle traçara, tirados das chapas — mas não as próprias chapas — a um Professor Charles Anthon, em New York; e que o Professor Anthon lhe assegurara que os caracteres eram Egípcios, Caldaicos, Assírios e Arabes. Segundo Smith, o Professor Anthon deu-lhe mesmo um certificado para êsse fim, mas tomou-o de volta e rasgou-o quando lhe foi dito que um anjo é que havia revelado o local das lâminas. Só por isto o certificado seria válido até hoje! Infelizmente o Professor Anthon publicou mais tarde uma declaração, admitindo que Smith lhe trouxera uma cópia de caracteres estranhos que pretendia serem uma língua anti-

ga, mas declarava: “Uma brevíssima investigação convenceu-me de que aquilo era mero embuste, e mesmo um embuste muito grosseiro”. E Martin Harris, uma das testemunhas oficiais de Smith, deu evidência de que tal tinha sido realmente o veredito expresso naquele tempo pelo Professor Anthon!

Ante a increpação de que ninguém jamais viu as lâminas de ouro, e de que só havia a sua palavra em favor do que ele mesmo fez, Joseph Smith exibiu o testemunho jurado de testemunhas que declaravam lhes terem sido mostradas as reais lâminas de ouro, e terem elas visto “a gravação existente nelas”. Mas é um fato chocante que tôdas as suas três testemunhas principais, Oliver Cowdery, David Whitmer e Martin Harris, tenham abandonado a Igreja Mormon originária. Se êles houvessem realmente crido na origem divina desta, nunca teriam feito tal. Mas, admitindo a apostasia dêsses, os Mormons hoje proclamam que êles ao menos nunca retrataram o seu testemunho. Podem êles persuadir-se disso, mas o Professor Fraser, da Universidade de Chicago, depois de examinar a questão, escreveu: “Ao renunciarem ao Mormonismo, todos os três denunciaram como falso êsse testemunho; mas entrementes êsse testemunho ajudou Smith a se impor aos crédulos, particularmente na ausência das próprias lâminas de ouro, que súbita e misteriosamente desapareceram”. Martin Harris, que mais tarde voltou ao Mormonismo, reafirmou o seu testemunho; mas, premido por um interrogatório cerrado, disse que as lâminas nunca haviam sido expostas realmente diante dos seus olhos. Estavam cobertas com um pano, mas lhe foi dada uma visão sobrenatural delas por debaixo do pano!

Basta quanto à lenda das placas de ouro que os Mormons ainda aceitam, mas que historiadores críti-

cos declaram completamente incrível, e não apoiada por qualquer coisa que possa ter visos de genuína evidência.

O LIVRO DE MORMON

Tempo é agora de tornarmos à mensagem, tão vital para a humanidade, que Joseph Smith proclama ter extraído das lâminas.

Começou êle ditando a tradução delas, feita por êle mesmo, a escribas em Manchester, em 1827, conforme o seu próprio relato, e acabou o trabalho em Fayette, N.Y. em 1829. Menção nenhuma é feita de ter tido qualquer parte nesse trabalho Sidney Rigdon, o pregador reavivamentista que tinha tanta facilidade na citação da Escritura. A obra completa foi publicada como o "Livro de Mormon", em 1830.

Nela nos é dada a estupenda informação, que não deve ser achada em quaisquer outros registros históricos, de que os Índios Americanos são realmente os descendentes das dez tribos perdidas de Israel; que Jesus Cristo pessoalmente visitou e pregou o seu evangelho na América; e que os Índios em certo tempo tiveram uma plena civilização cristã, mas a perderam completamente!

A história começa com a confusão das línguas na Torre de Babel, cerca de 2.200 anos A. C. Uma parte da gente então dispersada achou o seu caminho para a América do Norte, e foi conhecida como Jareditas. Contudo, os Jareditas foram suplantados por uma invasão de Israelitas uns 1.500 anos depois. Eis como isso aconteceu.

Pelo século sétimo A. C. havia um hebreu chamado Lehi que, com sua mulher e filhos, vivia em Jerusalém. Esse homem foi mandado por Deus fugir para um país distante. Com a mulher e os filhos e com um

bando de seguidores, atravessou êle o oceano num barco, e aportou à América. Ali os novos colonos se multiplicaram e prosperaram. Entretanto, quando Lehi morreu, Deus designou o seu filho mais mōço, Nefi, para chefe da tribo. Outro filho, Laman, que era mais velho, ressentiu-se com isso; e os descendentes dos dois filhos, os Nefitas e os Lamanitas, estiveram constantemente em guerra.

Aos Nefitas, como povo escolhido de Deus, Cristo veio após a sua ressurreição, para estabelecer a sua Igreja com o auxílio dêles na América, como a havia fundado na Palestina. Dentre os Nefitas Cristo escolheu outros doze apóstolos, e igualmente nomeou profetas, pastōres, mestres e evangelistas, deixando uma Igreja organizada que floresceu por perto de 200 anos. Mas, ai! os Nefitas não permaneceram fiéis. Perderam a sua herança pelas suas transgressões, e foram destruídos pelos Lamanitas, que por sua vez degeneraram nas tribos selvagens da América do Norte.

Todavia, por causa dos “últimos dias”, o último dos profetas Nefitas, Mormon, recebera ordem de Deus para gravar em lâminas de ouro um registo dos tratos de Deus com seu povo e das suas revelações, registo a ser escondido na terra até aparecer e se unir com a Bíblia, como outro livro sagrado, para o cumprimento dos desígnios de Deus. O irmão de Mormon, Moroni, depois de acrescentar algumas recordações pessoais, enterrou as lâminas de ouro no ano 420 (A. D.).

Quatorze séculos depois, Moroni, agora um anjo, revelou a um rapaz pobre, sem instrução, Joseph Smith, o lugar secreto onde as lâminas haviam sido escondidas. O tempo estava maduro para que os Santos dos Últimos Dias herdassem a plenitude da verdadeira religião, e Joseph Smith foi divinamente chamado para o fim de introduzir os homens na Nova Dispensação.

Obedientemente, com o auxílio dos "óculos" mágicos, êle traduziu as indecifráveis inscrições de "Egípcio Reformado" gravadas nas lâminas de ouro, e deu à humanidade o Livro de Mormon como um suplemento, igualmente inspirado e necessário, à Bíblia.

DIFICULDADES CRÍTICAS

Já que centenas de milhares de Mormons crêem na autenticidade dêle, é inoportuno dizer que o Livro de Mormon é fraudulento acima de qualquer dúvida. Mas a falsidade do livro persiste acima de tôda dúvida, exceto para as vítimas de uma credulidade cega.

O único argumento, apresentado pelos Mormons, que à primeira vista poderia parecer de pêsô é o fato de Joseph Smith ter sido inteiramente sem instrução, e daí não poder ter digerido e escrito um livro elaborado, cheio de tantas referências históricas e em estilo consistentemente estrangeiro. Tarefa tal requeria um erudito capaz, que Joseph Smith obviamente não era. Portanto, dizem êles, claramente o livro foi inspirado por Deus.

Mas essa dificuldade que os Mormons propõem aos outros é como nada, comparada com as dificuldades que os próprios Mormons defrontam. Passando por alto o absurdo etnológico de atribuir aos Índios Americanos uma ancestralidade judia, consideremos alguns pontos derivados de um exame crítico do próprio livro.

- A páginas 47, Nefi declara que, ao chegarem à América em 600 A. C., os Israelitas acharam entre os animais da floresta "a vaca e o boi, e o burro e o cavalo". Mas é certo que êstes animais não são nativos da América, tendo sido introduzidos naquela terra pelos europeus sômente depois do descobrimento

dela por Colombo no século XV A. D. Se o livro fôsse divinamente inspirado, êsse engano elementar não teria sido cometido.

Ademais, é de supor que Mormon tenha gravado o seu registo nas lâminas de ouro pelo menos antes de 420 A. D., quando elas foram enterradas. Como fêz então Mormon para incorporar em II Nefi, 1, 14, uma expressão claramente tirada de Shakespeare: "país indescoberto de cujas plagas viajor nenhum regressa"? Mormon escrevia mais de mil anos antes de Shakespeare ter nascido!

Dificuldade similar ocorre pelo fato de o Livro de Mormon conter centenas de citações tanto do Antigo como do Novo Testamento, transcrições verbais exatas da Versão Autorizada da Bíblia por King James, a qual foi publicada pela primeira vez em 1611 A. D. Devemos acaso dizer que, mais de mil anos antes de existir a Versão King James, Mormon traduziu-a cuidadosamente para o "Egípcio Reformado"? Ou, mais razoavelmente, deveremos dizer que quem quer que escreveu o livro viveu depois que a Versão King James foi publicada?

Também poderíamos perguntar como foi que Mormon se arranjou, no século IV A. D., para gravar nas suas lâminas de ouro citações, palavra por palavra, da "Confissão de Fé de Westminster", a qual se formou no século XVII A. D. Ou, ainda, como foi que os postulados peculiares de uma obscura seita presbiteriana que floresceu em Geneva, N.Y., nos próprios dias de Joseph Smith, tornou-se conhecida de Mormon tantos séculos antes; e por que razão, no seu "Egípcio Reformado", êle achou necessário, ou mesmo possível, imitar passagens do "Livro Metodista de Disciplina", do qual os reavivamentistas tanto tinham feito obje-

to de discussão popular nos primeiros anos do século XIX.

Estes são apenas alguns dos obstáculos insuperáveis para a aceitação do Livro de Mormon como genuíno.

Mas que havemos de dizer ao argumento de Mormon de que ao iletrado Joseph Smith era impossível, por quaisquer poderes naturais seus, inventar tal livro? Podemos somente responder que não Joseph Smith, mas sim o ex-Batista, ex-pregador reavivamentista Campbellista, Sidney Rigdon, a quem não faltava o necessário conhecimento de história, literatura e Escritura, é que foi o real autor desse livro fraudulento, em que abundam as doutrinas e a fraseologia campbellistas. O patológico Joseph Smith tinha a personalidade necessária para praticar uma deslavada impostura para a qual ao douto Rigdon faltava a necessária impudência; e ao bom êxito da fantástica história das lâminas de ouro foi essencial que Rigdon se conservasse no fundo de cena.

OUTROS ESCRITOS SAGRADOS

Depois de publicar o Livro de Mormon, Joseph Smith publicou mais tarde aquilo que êle proclamava ser um livro escrito por Abraão, mas não incluído entre os livros do Antigo Testamento. Os dizeres que êle atribuía a Abraão eram, novamente, fictícios. Em 1833 êle comprara alguns rolos de papiro de um mercador de curiosidades antigas chamado Chandler. Esses rolos continham alguns hieróglifos e desenhos realmente egípcios. Em 1912, muito tempo depois da morte de Smith, esses hieróglifos foram submetidos ao exame de oito eminentes sábios egípcios, os quais todos declararam que as figuras representavam ritos funerários egípcios comuns, e não tinham absolutamente nada que

ver com Abraão! Mas Joseph Smith era absolutamente ignorante da escrita e dos costumes egípcios.

Ainda mais tarde, êle publicou um livro chamado "O Livro de Doutrinas e Pactos", para dar as revelações que êle mesmo proclamava ter recebido como o profeta designado para a edificação do Reino de Deus nos últimos dias. Esse livro explana doutrinas e deveres, prediz o Segundo Advento, e a Sião Americana, e um Milênio vindouro com Cristo governando o mundo.

Aparelhado com o Antigo e o Novo Testamentos, com o Livro de Mormon e com as suas "Doutrinas e Pactos", Joseph Smith, com a cooperação do seu amigo Sidney Rigdon, sentiu-se pronto para lançar na sua carreira sua nova religião; e agora podemos passar a um breve relato da notável história dela.

ASPECTO HISTÓRICO

Joseph Smith começou a organizar os seus sectários em Igreja em Palmyra, N.Y., em 1830; mas em Fayette, N.Y., a 6 de abril dêsse ano, é que a nova seita foi formalmente constituída sob o título de "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias".

Todavia, as estranhas doutrinas dos Mormons despertaram muita hostilidade, e a oposição forçou-os a emigrar para Kirtland, Ohio, para onde êles se transferiram em janeiro de 1831. Smith decidiu que Kirtland devia ser Sião, ou a Nova-Jerusalém, de onde Cristo reinaria após a sua volta a êste mundo. Mas um contratempo em tôrno de um Banco que êle fundara, e do qual emitiu notas sem valor, tornou-se expediente de uma nova revelação indicando que a Sião devia ser estabelecida em Jackson County, Missouri, e não em Ohio. Por isso Smith e Rigdon levaram os seus sectários para Missouri. Mas os Missourianos

declararam-lhes guerra, e os Santos dos Últimos Dias transferiram-se para Illinois, onde, em 1838, nas margens do Mississippi, fundaram a cidade de Nauvoo — nome que Smith declarou hebraico e querendo dizer “Belo Lugar”.

Em Nauvoo, em 1843, Smith pretendeu ter recebido uma revelação que ordenava os casamentos polígamos, e agiu de acôrdo com ela, tomando mulheres adicionais, e desvencilhando-se das objeções de sua mulher legal, Emma, com intimá-la a submeter-se à Vontade de Deus. Mas não demorou muito no gôzo do modo de vida patriarcal. O povo levantou-se em revolta contra as práticas dos Mormons. Joseph Smith e seu irmão Hyrum foram detidos e metidos na cadeia de Cairo, para ali aguardarem o julgamento. Mas a plebe enfurecida não quis saber de julgamento. Irrompeu na cadeia a 27 de junho de 1844 e fuzilou os dois irmãos.

Sidney então reclamou sucessão à Presidência, argumentando que desde o comêço tinha sido conselheiro de Smith; mas Brigham Young, que aderira à Igreja em 1832, é que foi eleito. Brigham Young excomungou Rigdon e então, para fugir a ulteriores embates com a lei da terra, começou a emigração para o longínquo Utah em 1847, para ali fundar Salt Lake City (Cidade do Lago Salgado) às margens do Grande Lago Salgado.

Que êle foi bem sucedido evidencia-se pelo fato de haver morrido, uns trinta anos depois, deixando mais de um milhão de dólares a dezessete espôsas e cinquenta e seis filhos.

Por alguns anos a Igreja Mormon, com a ajuda de imigrantes convertidos vindos de além-mar, cresceu fenomenalmente e construiu uma comunidade independente em coisas tanto temporais como espirituais, inteiramente isolada e livre dos “gentios”. Em 1893, o

Templo em Salt Lake City foi completado a um custo de três milhões de dólares; e, por um sistema de dízimos, mais de quatro milhões de dólares são arrecadados anualmente para fins da Igreja. Mas a crescente invasão de Utah pelos "gentios" e as relações de negócio com eles estão resultando em grandes transformações sociais; enquanto que o espírito, bem mais crítico, da época moderna tem reduzido firmemente o número dos que se convertem às fantásticas doutrinas de Joseph Smith e de Brigham Young. O que são essas doutrinas religiosas veremos a seu tempo.

SEITAS ANTAGÔNICAS

Aqui deve ser notado que os Mormons não formam um só corpo unido, pois estão divididos em diversas seitas independentes e antagônicas.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, com quartel-general em Salt Lake City, Utah, é o corpo maior, reconhecido por mais de 2.000 congregações, principalmente em Utah e Idaho, com um total de mais de 900.000 membros.

A seguinte em grandeza é a "Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias", com quartel-general em Independence, Missouri. Esta Igreja originou-se logo depois da morte de Joseph Smith. Porque, quando Brigham Young foi eleito Chefe, uma minoria protestou contra a designação dêle, declarando que o filho de Joseph Smith, também chamado José, é que era o sucessor legítimo. Essa minoria, sob a chefia de Joseph Smith Jr., erigiu-se em 1853 em Igreja independente. Seus membros, muitas vezes conhecidos como "Josefistas", repudiam a poligamia, negam que Joseph Smith a tenha jamais ensinado, e asseveram que Brigham Young foi responsável pela intro-

dução da repugnante doutrina de espôsas múltiplas. Mas historicamente não há a mais leve dúvida de que o próprio Joseph Smith proclamou o direito e o dever da poligamia. A "Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias" pretende ser a verdadeira sucessora da corporação original, e numa disputa sobre propriedade em 1894, conseguiu um veredicto judiciário para esse fim. A "Igreja Reorganizada" tem umas 200 congregações, com 116.888 membros ao todo.

Outro grupo minoritário que recusou submeter-se à chefia de Brigham Young persistiu como "A Igreja de Cristo (Lote do Templo)". Este grupo tem o seu quartel-general em Bloomington, Illinois; e tem 2.179 membros, com 50 igrejas. O estranho título que assumiram vem da sua pretensão a uma revelação tida de Deus de que eles devem identificar um Templo para a Nova-Jerusalém em Independence, Missouri. Eles compraram o terreno em 1867, mas a "Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias" obteve posse legal da propriedade. A "Igreja de Jesus Cristo (Lote do Templo)" ainda o reclama, e diz que tem o dever de edificar o Templo.

Um grupo ainda mais pequeno, chamando-se simplesmente "A Igreja de Jesus Cristo", é conhecido como os "Strangistas". Este grupo foi fundado por James J. Strang em Burlington, Wisconsin, logo depois da morte de Joseph Smith. Recusando reconhecer Brigham Young, Strang declarou que fôra designado sucessor de Smith mediante revelações divinas feitas tanto a ele mesmo como a Smith. Proclamou que a sua Igreja era a única Igreja Mormon verdadeira, mas o corpo associativo dela está hoje reduzido a 123 adeptos apenas!

Ainda menor é a "Igreja de Jesus Cristo (Cutleristas)", fundada em 1853 por Alpheus Cutler, um dos

Mais-Velhos originais de Smith, como resultado do que êle declarava ser uma incumbência direta de Deus. Há apenas uns 24 membros hoje em dia que ainda acreditam nessa incumbência direta.

Finalmente, há a "Igreja de Jesus Cristo (Bickertonistas)", fundada por William Bickerton, em Greenock, Pennsylvania. Bickerton ficou sendo sectário de Brigham Young por um ano ou dois, e depois, desgostoso com a poligamia de Brigham Young, deixou a fundação de Utah e foi para Pennsylvania a fim de ali se estabelecer por si mesmo. A sua variedade de Mormonismo tem cerca de 1.500 membros, num crescimento não muito pronunciado desde a sua origem em 1862! Eles vivem numa trinta pequenas comunidades, cada uma com sua própria organização como igreja.

Nenhuma dessas seitas contendentes tem melhor — ou pior — direito do que qualquer das outras a representar o genuíno Mormonismo. E tôdas igualmente falham se o próprio Livro de Mormon é uma fraude. Mas, já que nada é bem sucedido como o sucesso, basearemos o nosso estudo das doutrinas Mormons principalmente nas da "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias" de Utah.

NOVA DISPENSAÇÃO

Joseph Smith, como vimos, cresceu num ambiente de reavivamentismo protestante, e declarou que ficava desnorteado com as pretensões e contrapretensões das seitas colidentes. Como tantos outros antes dêle, procurou uma solução abandonando tôdas as outras e erigindo uma Igreja sua — assim aditando mais um rebento do protestantismo para aumentar a confusão que o afligira inicialmente! Mas ao menos podemos ver que o Mormonismo é inteiramente resultado dos princípios protestantes do juízo privado ope-

rando num círculo puramente protestante. Não se pode dizer que Joseph Smith tenha rejeitado o Catolicismo, pela simples razão de não haver êle sabido coisa alguma sôbre êste. O seu movimento foi uma reação contra a confusão do Protestantismo; e ao tipo fundamentalista de Protestantismo — a única religião que êle conhecia — foi que aditou o Livro de Mormon e algumas revelações ulteriores que imaginava lhe terem sido concedidas.

No seu artigo sôbre “Mormonismo”, na “Encyclopaedia Britannica”, Reed Smoot, ex-Senador de Utah, diz-nos que o Mormonismo “não pretende ser uma nova religião, mas considera-se uma nova dispensação”. Diz êle que tem havido muitas dispensações concedidas por Deus de tempo em tempo, mas que a última dispensação “da plenitude dos tempos” foi agora proclamada por meio de Joseph Smith.

As fontes da verdadeira doutrina para os Mormons são agora:

- 1) As Escrituras Judaica e Cristã; isto é, o Antigo e o Novo Testamentos;
- 2) O Livro de Mormon;
- 3) A Doutrina e os Pactos (Revelações feitas a Joseph Smith);
- 4) A Pérola de Grande Preço (coleção de escritos de Moisés e de Abraão não contidos na Bíblia, e outros escritos de Joseph Smith).

Entretanto, a doutrina contida nestes documentos está sendo continuamente suplementada por novas revelações feitas aos Mormons, as quais só têm força obrigatória se oficialmente adotadas por uma Conferência Geral da Igreja.

TODAS AS OUTRAS SÃO APÓSTATAS!

As conseqüências da pretensão Mormoni para as outras Igrejas são mais pròpriamente drásticas. Porquanto os Mormons sustentam que, desde a morte do último dos Apóstolos, S. João, não houve nenhuma autoridade divina para a administração das ordenações do evangelho. Nenhuma sucessão apostólica foi mantida. Tôdas as outras Igrejas divorciariam-se do evangelho original, e todos os seus batismos e outros ritos sacramentais têm sido nulos e inválidos. Só agora, 2.000 anos depois, é que o apostolado foi restaurado em Joseph Smith. A êle foram dadas, por direta revelação de Deus, as chaves do Reino na Nova Dispensação. E foi-lhe mandado reunir e construir a Nova-Jerusalém na América, a fim de estar pronta para a Segunda Vinda de Cristo e para o Milênio.

Devemos fazer aqui uma pausa para fazer notar a inconsistência de professar-se continuada crença no Novo Testamento, e depois passar-se a asseverar o fracasso da Igreja estabelecida pessoalmente por Cristo, a necessidade de aditar à Bíblia novos livros "inspirados", e o advento de uma "nova dispensação" ordenada por Deus e dada ao mundo por intermédio de Joseph Smith!

E' impossível que a Igreja estabelecida pessoalmente por Cristo tenha fracassado. Porquanto Êle disse: "Edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 18). Se devêras cremos em Cristo, temos de crer que as fôrças do mal não têm conseguido prevalecer contra a Igreja que êle estabeleceu. Mas as portas do inferno teriam prevalecido contra ela se a Igreja inteira, em tôdas as épocas até a chegada de Joseph Smith, houvesse apostatado! Se se dissesse que a promessa de Cristo não excluiu a possibilidade do fracasso por um tempo,

desde que a Igreja fôsse finalmente restaurada, então que é da promessa de Cristo aos Apóstolos: “Eis que estou convosco *todos os dias*, até à consumação dos séculos” (Mt 28, 20)?

Além disso, tôda menção de uma revelação adicional e de uma “Nova Dispensação” é inteiramente oposta ao claro ensino do Novo Testamento. Porquanto neste nos é dito que a plenitude da revelação e dispensação absolutamente finais para o gênero humano foi dada no próprio Cristo e por intermédio dEle.

Assim lemos que Deus, que em tempos passados falou por meio dos profetas, “*por último de todos*, nestes tempos, nos falou por seu Filho” (Heb 1, 1-2). “Por último de todos” não deixa lugar para “posteriormente por meio de Joseph Smith”.

Tratando dêste assunto na parábola dos maus vinhateiros, o próprio Cristo descreve a situação dizendo que o dono da vinha tinha enviado em vão uma série de menores mensageiros: “Tendo, porém, um filho, que lhe era muito caro, também o enviou a eles por último de todos, dizendo: Eles respeitarão meu filho. Mas os vinhateiros disseram-se uns aos outros: Este é o herdeiro; vamos e matemo-lo, e a herança será nossa” (Mc 12, 6-7). Não houve lugar, na mente de Cristo, para qualquer nova dispensação a ser concedida em épocas posteriores.

Também nos é dito que o corpo inteiro da verdade revelada foi dado aos Apóstolos, para ser guardado e manejado por eles e pelos seus sucessores, para ser pregado até os confins da terra. “Tudo quanto ouvi de meu Pai dei-vos a conhecer” (Jo 15, 15). Cristo não disse: “Calei uma porção de coisas que serão publicadas mais tarde no Livro de Mormon”! A sua revelação não foi uma revelação parcial, tal como a que foi dada por intermédio dos profetas de antanho, mas

sim única e completa. E êle ordenou aos seus Apóstolos: "Ide e ensinai tôdas as nações... a observarem tudo quanto eu vos mandei". E não acrescentou: "Exceto na América, onde vou aparecer aos Nefitas depois da minha ressurreição, escolhendo dentre êles outro grupo de Apóstolos para ali estabelecerem por mim a Igreja"!

Quanto à pretensão Mormon de que a "plenitude dos tempos" veio somente com Joseph Smith, S. Paulo disse aos Gálatas que a "plenitude dos tempos" já tinha vindo com o nascimento de Cristo. "Quando veio a plenitude dos tempos", escreveu êle, "Deus enviou seu Filho, feito da mulher" (Gál 4, 4).

O nosso dever como cristãos é "pugnar ardorosamente pela fé uma vez por tôdas transmitida aos santos" (Judas, 3). Isto é, manter intacta, sem alterações ou adições, as doutrinas ensinadas aos primeiros cristãos pelos Apóstolos. A idéia Mormon de que Cristo só deu um ensino parcial, a ser completado por Joseph Smith, é impossível para quem quer que crê no Novo Testamento e quer merecer o nome de cristão.

Mas, se o Mormonismo fracassa na sua pretensão de ser a revelação de uma nova dispensação, ainda piores se tornam as coisas quando nos volvemos para a sua exposição dos ensinamentos cristãos individuais que êle professa aceitar.

ARTIGOS DE FÉ

Uma das últimas coisas que Joseph Smith fêz antes de ser morto em 1844 foi escrever um artigo para uma "História das Denominações Religiosas nos Estados Unidos", explicando a fé da Igreja Mormon. A sua declaração é como segue:

CREMOS em Deus-Pai Eterno, e em seu Filho Jesus Cristo, e no Espírito Santo.

CREMOS que os homens serão punidos pelos seus próprios pecados, e não pela transgressão de Adão.

CREMOS que, mediante a expiação de Cristo, todo o gênero humano pode ser salvo, por obediência às leis e ordenações do evangelho.

CREMOS que essas ordenações são: 1) Fé no Senhor Jesus Cristo; 2) Arrependimento; 3) Batismo por imersão para a remissão dos pecados; 4) Imposição das mãos para o Dom do Espírito Santo.

CREMOS que um homem deve ser chamado por Deus, mediante "profecia e imposição das mãos" feita por aqueles que estão em autoridade, para pregar o evangelho e administrar as ordenações dêste.

CREMOS na mesma organização que existiu na primitiva Igreja, ou seja: apóstolos, profetas, pastores, mestres, evangelistas, etc.

CREMOS nos dons de línguas, de profecia, de revelação, de visões, de curas, de interpretações de línguas, etc.

CREMOS que a Bíblia é a Palavra de Deus, enquanto traduzida corretamente.

CREMOS também que o livro de Mormon é a Palavra de Deus.

CREMOS tudo o que Deus revelou, tudo o que ele não revela, e cremos que ele ainda revelará muitas coisas grandes e importantes pertinentes ao Reino de Deus.

CREMOS na literal reunião de Israel e na restauração das dez tribos; que Sião será edificada neste Continente; que Cristo reinará pessoalmente sobre a terra, e que a terra será renovada e atingirá a sua glória paradisiaca.

No principal, os supracitados artigos de fé são me-ro sumário do Protestantismo evangélico comum, com o qual Joseph Smith já estava familiarizado, salvo quanto à exclusão dos efeitos do pecado original e à insistência sôbre a aceitação do Livro de Mormon como Palavra de Deus igualmente à Bíblia, sôbre as re-velações divinas a serem ainda dadas, e sôbre o es-tabelecimento de Sião na América. Da poligamia, que êle já proclamara necessária, não faz menção, pa-ra o fim de publicidade, na "História das Denomina-ções Religiosas nos Estados Unidos".

O que entretanto precisa ser sobretudo frisado é que, enquanto na sua declaração Joseph Smith fala a língua do Protestantismo evangélico, os Mormons de modo algum entendem as palavras realmente em sentido protestante ortodoxo.

DEUS, O HOMEM E CRISTO

Por exemplo, o primeiro artigo de Smith aparenta uma profissão de fé na doutrina cristã da SS. Trin-dade. Mas, na realidade, não é nada disso. Porquanto, de acôrdo com os seus ensinamentos oficiais, o Mor-monismo não é uma seita cristã, mas sim politeísta, ensinando uma doutrina de muitos deuses de categoria desigual. Joseph Smith ensinava que "o próprio Deus foi uma vez como nós somos agora, e é um homem enaltecido". Segundo Brigham Young, a fim de criar o homem, que só podia ser feito por geração física, Deus veio a êste mundo como Adão, "com um corpo celestial, trazendo uma de suas mulheres, Eva". Adão, diz portanto êle, "é nosso Pai e nosso Deus, e o úni-co Deus com quem temos que ver" (Brigham Young, "Journal of Discourses" ("Jornal de Discursos"), vol. 6, p. 50). Adão é o "único" Deus com quem temos que ver, porque acima de Adão há Jeová, e acima de

Jeová, há Eloim, o maior de todos os Deuses! Cristo, como Filho Eterno de Deus (de qual Deus, é difícil dizer), não é da mesma substância que o Pai, enquanto que o Espírito Santo é descrito às vezes, não como uma Pessoa, mas como uma “influência”, como um “fluido divino”, a mais pura e mais refinada de todas as substâncias elétricas ou magnéticas! Verdade é que hoje em dia os Mormons geralmente rejeitam a teoria “Adão-Deus” de Brigham Young, mas esquecem que, consoante os seus próprios princípios, como veremos, Brigham Young, como Presidente devidamente eleito, foi dotado de infalibilidade e não podia incidir em erro doutrinário!

E que é do homem? Aparentemente foi pecaminoso, para “Adão”, gerar filhos, porque, de acordo com o Catecismo Mormon, ele devia ter pecado comendo o fruto proibido, do contrário “não teria aqui conhecido o bem e o mal, nem poderia ter posteridade mortal”. Todavia, os seres humanos que foram gerados, se forem bons Mormons, finalmente se tornarão “Deuses, criando e governando mundos e povoando-os com a sua prole” (Manual, Parte I, p. 52). O céu Mormon é evidentemente muito diferente do céu no qual, segundo Cristo, as pessoas “nem se casarão nem se darão em casamento” (Mt 21, 30). Entrementes, consoante o ensino Mormon, Deus está continuamente criando almas que anseiam por corpos humanos. E aqueles que na terra proporcionam o maior número de corpos para esses espíritos ansiosos serão os mais gloriosos na eternidade. Logo, a poligamia é aí obviamente indicada!

Dizem os Mormons que, desde que eles obedeçam aos preceitos da sua religião, a sua salvação é possibilitada mediante a Expição operada por Cristo. Mas quem é Cristo? Os Artigos de Joseph Smith declaram

que êle é o “Filho de Deus”. Porém escritores Mormons dizem que, na encarnação, “Êle não foi gerado do Espírito Santo”. Argumentam que a concepção é impossível sem a intercorrência marital física. Foi José, então, o pai de Jesus? Não. Porque então Cristo não seria o Filho de Deus. Por isto êles dizem que Deus-Pai veio à terra em forma humana, tomou Maria como sua mulher legal, e das relações maritais na carne nasceu Cristo! Pior ainda, no seu “Jornal”, Orson Hyde diz que o próprio Cristo praticou a poligamia, desposando “as Marias e Marta, de modo que pudessem ver seus filhos antes de ser crucificado”! A quem quer que tenha a mais leve compreensão disto, tais ensinamentos não passam de uma caricatura blasfema da doutrina cristã.

A IGREJA MORMON

Igualmente pasmosa é a doutrina Mormon sôbre a Igreja. Ê-nos dito que Cristo fundou a sua Igreja na Palestina, escolhendo ali doze apóstolos, mas que a Igreja fracassou. Aparentemente prevenindo o fracasso foi para a América após a sua ressurreição e escolheu outros doze apóstolos de entre os Nefitas, fundando a sua Igreja em solo americano. Mas essa Igreja também fracassou. A única coisa a fazer era esperar pela chegada de Joseph Smith ao cenário do mundo nos últimos dias, e obter que êle fundasse outra Igreja por Êle. Por isto o último dos profetas Nefitas, Mormon, deixou plenas instruções em benefício do dito Joseph Smith. Em 1830, agindo sob os mandamentos divinos, Joseph Smith reconstruiu a Igreja Cristã, dando-lhe a mesma organização — assim proclamava êle — que a possuída pela Igreja primitiva. E a Igreja que êle estabeleceu, a Igreja Mormon, é a única Igreja verdadeira no mundo hoje em dia!

Constitucionalmente, a nova Igreja tinha “apóstolos, profetas, pastôres, mestres e evangelistas”. Havia dois sacerdócios, o de Melquisedec para as coisas espirituais, e o de Aarão para as coisas temporais. Todos os membros deviam herdar os milagrosos dons de línguas, de profecia, de revelação, de visões, etc., que ocasionalmente apareceram na Igreja primitiva.

Mas sôbre a Igreja inteira a autoridade mais alta está investida num Presidente e em dois Conselheiros. Quando o Presidente morre, a “Primeira Presidência” é dissolvida, e a autoridade fica com os doze apóstolos, que devem eleger um sucessor.

Para o seu Presidente os Mormons reclamam uma infalibilidade muito maior do que a infalibilidade jamais reclamada por qualquer Papa na Igreja Católica. Escrevendo na “Encyclopaedia Britannica” sôbre o “Mormonismo”, Reed Smoot, ex-Senador por Utah, diz:

“Só há um único homem na terra de cada vez . . . que possa receber revelação para a direção da Igreja, e êsse homem é o Presidente da Igreja, Profeta de Deus, Vidente e Revelador e interlocutor. A sua palavra oficial, quando falando em nome do Senhor, a Igreja deve recebê-la como da própria bôca de Deus”.

Comparada com esta, quão mais moderada é a pretensão católica de que o Papa deve contar, não com qualquer revelação divina, nem mesmo com inspiração divina, mas sômente com a assistência divina para salvaguardá-lo de êrro quando êle define doutrina cristã para a proteção da fé apostólica contra interpretações heréticas!

Tal é, pois, a Igreja que os Mormons sustentam ser a única Igreja do Deus Vivo, sendo tôdas as outras umas abominações amaldiçoadas.

No tocante aos Sacramentos, os Mormons seguem a usual tradição protestante de dois, o Batismo e a Ceia do Senhor. Dos Batistas eles tiraram a doutrina de que o Batismo deve ser por imersão (coisa para a qual não há garantia na Escritura), e ensinam que o rito é absolutamente necessário para a salvação. Uma vez que também ensinam que todos os batismos administrados desde a morte do último dos Apóstolos até o advento da Igreja deles foram nulos e inválidos, eles sentiram que tinham de achar algum meio de evitar uma condenação assim em grosso de tôdas as precedentes gerações de cristãos. Por isto introduziram proxi-batismos para os mortos. Mormons caridosos podem tomar nos lábios os nomes de pessoas mortas e ser batizados em favor delas! Se, tomando isto a sério, todos os Mormons fôssem gente totalmente desinteressada e levassem a vida inteira, desde a infância até a extrema velhice, sem fazer outra coisa senão receber proxi-batismo pelos mortos, a custo eles fariam uma apreciável impressão sobre o vasto número de cristãos anteriores que viveram e morreram durante os dois mil anos passados! Mas todos os proxi-batismos no mundo não podem adiantar para aqueles que já sofreram o seu julgamento por Deus. A doutrina é completamente não-escriturística à parte o seu absurdo.

Adotando a condenação "Adventista do Sétimo Dia" ao álcool em tôdas as suas formas, os Mormons celebram até mesmo a Ceia do Senhor com água em vez de com vinho. E, além do uso privado de álcool, o uso de chá, café e fumo também é fortemente combatido.

POLIGAMIA

Estranhamente oposta a esta atitude ascética era a teoria e prática Mormon da poligamia.

Joseph Smith proclamava que a necessidade da po-

ligamia lhe fôra primeiramente revelada em 1831, quase um ano depois de haver êle fundado a Igreja. Aparentemente foi-lhe ela revelada como uma espécie de pensamento segundo, que fôra descurado na primeira excitação de pôr a nova Igreja em andamento.

De qualquer forma, foi em 1831 que pela primeira vez êle começou a falar de uniões adicionais como *casamentos celestes*, e citou em justificação delas o exemplo dos patriarcas de antanho. Quando sua mulher Emma fêz objeção ao fato de trazer êle para casa outras mulheres para participarem dêle com ela, Joseph prontamente teve uma revelação para acalmar os seus escrúpulos. Em "Doutrina e Pactos", n. 52, secção 132, êle faz Deus dizer: "E receba minha serva Emma Smith tôdas aquelas que foram dadas ao meu servo Joseph, e que são virtuosas e puras diante de mim".

Já notamos a doutrina Mormon das almas criadas que esperam ansiosamente por corpos humanos, somente por meio dos quais podem elas alcançar a eterna bem-aventurança como deuses. Portanto, quanto mais mulheres os homens tiverem, e quanto mais filhos, tanto maior será a sua glória. De fato, casamentos múltiplos são necessários para a própria salvação da pessoa!

Que, teòricamente ao menos, os Mormons acreditam que a poligamia é necessária para a salvação, não é um exagero. Quando o Govêrno dos Estados Unidos começou a dar passos para proibir a poligamia, a Primeira Presidência da Igreja Mormon publicou uma proclamação, em 1885, dizendo: "Mais de quarenta anos atrás, o Senhor revelou à sua Igreja o princípio dos casamentos celestiais... Quem haveria de supor que qualquer homem nesta terra de liberdade religiosa teria a presunção de dizer ao seu semelhan-

te que êle não tinha direito de adotar medidas por êle julgadas *necessárias para escapar à condenação?*”

Joseph Smith proclamou públicamente a lei da poligamia em Nauvoo em 1841; e a mesma lei Mormon foi de novo públicamente proclamada sob Brigham Young por um Concílio da Igreja em 1852. Entretanto, quando, a 24 de setembro de 1890, o Govêrno dos Estados Unidos proibiu absolutamente a poligamia até mesmo entre os Mormons, êles concordaram em abster-se dela na prática. Mas nunca a repudiaram em princípio. Dizem que Deus dispensa da necessidade dela os que não podem praticá-la no seu tempo.

E' simplesmente justo aqui dizer que a “Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” repudia a acusação de haver Joseph Smith ensinado e praticado a poligamia, dizendo que Brigham Young foi quem a introduziu, assim se divorciando da verdadeira fé conforme ensinada por Joseph Smith. Mas os Mormons de Utah insistem em que Joseph Smith teve uma revelação em favor da poligamia, e que tanto a ensinou como praticou. E a evidência, sem dúvida, está do lado dêstes.

Por isto a Igreja Mormon julga de seu dever ir avante durante êstes “últimos dias da plenitude dos tempos”, em preparação para a iminente Segunda Vinda de Cristo (doutrina haurida dos Milleristas) e para o estabelecimento do Reino Milenar de Cristo sôbre o mundo inteiro, com seu quartel-general na América.

ZÊLO MISSIONÁRIO

E' quase incrível o zêlo missionário com que os Mormons têm procurado propagar as suas doutrinas. Já desde 1837, muito tempo antes da emigração de Nauvoo para o Grande Lago Salgado, missionários foram enviados à Inglaterra. Ali distribuíram milhares

de folhetos e fizeram tantos convertidos, que tiveram de estabelecer uma agência de navegação para auxiliar na obra de "reunir Israel à Terra de Sião". O primeiro grupo migratório fêz-se de vela para Nauvoo em junho de 1840. Por volta de 1851 os Mormons tinham para mais de 50.000 convertidos na Inglaterra, dos quais 17.000 emigraram para a então estabelecida Cidade do Lago Salgado.

Em anos mais recentes, novo ímpeto foi dado ao movimento missionário pelo número grandemente crescente de outros Americanos que haviam invadido o Estado de Utah. Novos convertidos eram necessários para equilibrar o voto; e entre as duas guerras mundiais toda sorte de alicientes eram apresentados aos emigrantes que estivessem desejosos de se fazer "Santos dos Últimos Dias" e transferir-se para Utah e compartilhar a prosperidade Mormon.

Embora os resultados já não sejam espetaculares, o zelo missionário não diminuiu; ou, antes, o sistema de enviar missionários a todas as partes do mundo ainda é mantido. A maioria dos Mormons jovens espera-se que façam um aprendizado missionário de dois ou três anos no estrangeiro antes de tomarem o seu lugar no mundo de negócios. Assim, por volta dos vinte e um ou vinte e dois anos de idade, eles vão aos pares para qualquer país que lhes seja designado.

Os Mormons de Utah têm para mais de 2.000 desses missionários no campo; a "Igreja Reorganizada", cerca de 200. Porém a maioria desses missionários têm o olho nas perspectivas dos seus negócios futuros, mais do que nas almas. Jovens, profissionalmente mal preparados, e ignorantes das condições reinantes em outras terras, para não falar das línguas estrangeiras, eles não podem esperar fazer muitos con-

vertidos. E hoje o mundo é mais sofisticado do que o era na época de Joseph Smith.

Todavia, é essa tôda a experiência; e, admitindo essa ineficiência, os Mormons dizem que o próprio dever de argumentar com todos e diversos em favor da sua Igreja faz os jovens voltarem confirmados na sua lealdade a esta. Se isto fôsse verdade, só se poderia concluir é que um partidarismo cego supre nos jovens missionários a falta de conhecimento do Cristianismo, e, muitas vêzes, até mesmo do seu próprio Mormonismo.

Muita coisa contida neste livrinho sôbre a sua religião seria uma revelação para muitos dêles; porque êles não conhecem nem a sua própria história como ela realmente é, nem como são caóticos os seus próprios ensinamentos religiosos.

NO BRASIL

No Natal de 1925, em Buenos Aires, Melvin J. Ballard, do Conselho dos Doze Apóstolos, deu ordem de "missionar" a América do Sul. De Buenos Aires partiram os missionários para os Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, adquirindo, depois, uma propriedade em Joinville, onde se construiu uma capela.

Mais foi em 25 de maio de 1935 que o presidente Howells, em Joinville, anunciou a organização da Missão Brasileira, independente da Missão Sul-Americana, sendo essa data considerada como início das atividades da Missão Brasileira.

Depois o escritório central transferiu-se para São Paulo.

A segunda guerra mundial fêz regressar os missionários para os EE. UU., o que afetou a Missão, confiada, nessa emergência, a membros locais. Mas já

em 1946 retornaram os missionários, sempre em número crescente.

Entre nós os Mormons usam, como meio de proselitismo, visitas domiciliares freqüentes. Basta uma pessoa da família mostrar algum interesse pelos missionários ou por sua doutrina, que não deixarão mais em paz esta casa, com suas reiteradas e prolongadas visitas, até a in pertinência. Usam também o ensino gratuito do inglês, e clubes de conversão, as festas e os bailes, a música e o esporte, principalmente a bola ao cêsto. Grande atração exercem também as bôlsas de estudos nas suas Universidades dos EE. UU., que prometem aos membros da Missão Estrangeira.

ÚNICO VEREDICTO POSSÍVEL

Qual é, pois, a verdade sôbre o Mormonismo? Pode-se chegar a qualquer outra conclusão que não seja a de que êle é uma religião substituta, de feitura humana, inteiramente inconciliável com o genuíno Cristianismo? Joseph Smith certamente foi um impostor, e de forma alguma era o tipo de homem que Deus escolheria para a missão profética qual êle pretendia ser a sua.

A Lenda das Lâminas de Ouro é uma invenção evidente. Os próprios Mormons envergonham-se dela e por ela se desculpam.

O Livro de Mormon está pejado de fatos errôneos, de história errônea, de moral errônea, e de errôneos modos de ver a religião e a vida.

Os ensinamentos de Joseph Smith, de Brigham Young e de outros autorizados escritores sôbre doutrina Mormon, embora usando têrmos cristãos, pervertem-lhes totalmente o significado, e oferecem um ensino tão distante quanto possível da verdade cristã. Brigham Young não hesitou em escrever: "Todo es-

pírito que confessa que Joseph é um profeta, e que o Livro de Mormon é verdadeiro, é de Deus; e todo espírito que não faz isso é do Anticristo". Em ouvidos verdadeiramente cristãos tal abuso e distorção da Escritura não se fazem sem blasfêmia.

E sempre persiste o imoral ensinamento que justifica a poligamia. Se os Mormons o têm abandonado na prática, tem sido só por serem a isso compelidos pela lei civil. Se premidos, dirão que ainda crêem nele, embora não o pratiquem sob as circunstâncias presentes. Mas o fato de haver êle sido alguma vez ensinado e praticado seria suficiente para condenar o Mormonismo como inteiramente oposto à religião de Cristo.

Mas, dir-nos-ão, devemos explicar o seu êxito. E isso é tão difícil? Certamente simples fatores naturais podem explicá-lo. Nos estágios iniciais, o assassinio de Joseph Smith deu a êste a auréola do martírio. Na sua excitação, os sectários dêle perderam de vista que, não motivos religiosos, mas sim o que com razão foi considerado conduta social vergonhosa, agravada pela má reputação que êle granjeara para si mesmo, é que foi a causa da morte dêle. E, quando Brigham Young, homem de energia indomável e de vontade de aço, tomou o encargo dêles, êles foram simplesmente prontíssimos em assentir aos seus planos.

Ardilosamente Brigham Young levou-os para Utah antes da incorporação dêste como um dos Estados Unidos, e ali governou, como chefe da Igreja e do Estado, por trinta anos. Ali, onde outros não podiam alcançá-los, e onde não havia escapatória para os pusilânimes, os Mormons puderam medrar. Acaso não é significativo que as outras e menores seitas Mormons, descritas anteriormente neste livrinho, perdendo as vantagens que a Igreja de Utah ganhou pela sua

migração, tenham feito pouco ou nenhum progresso durante o mesmo período de tempo? E mesmo em Utah, agora que as ferrovias lhe trouxeram um grande afluxo de outros Americanos, tem-se verificado uma parada no crescimento do Mormonismo ali. Se êle tem sobrevivido com a vitalidade que tem conservado, isto se deve ao vigoroso arranco a êle dado por Brigham Young, à sólida base material sôbre a qual o estabeleceu, e ao fato de ser êle sustentado ao mesmo tempo pela forte organização hierárquica de que Young o proveu. Mas, à medida que a credulidade mingua, o Mormonismo vai achando cada vez mais difícil resguardar o declínio o seu espírito.

A história inteira do movimento, um entre tantos outros que surgiram na primeira metade do século dezanove, prova apenas que os seres humanos são tão incuravelmente religiosos que, se não obtêm a religião certa, ou inventarão uma errada para si mesmos, ou se apegarão a uma que lhes seja proposta com entusiasmo pelos outros. Joseph Smith, como vimos, não tinha a religião certa. Nunca conheceu o Catolicismo. E, espantado com a confusão das seitas protestantes à volta de si, simplesmente aumentou a confusão inventando ainda outra religião sua, com o auxílio do pregador reavivamentista Sidney Rigdon. Não era dêsse modo que a paz devia ser achada, ou para êle mesmo ou para os seus seguidores.

VERDADEIRO PÔRTO DA PAZ

O único caminho real para a verdadeira paz — e falo como alguém que trilhou êsse caminho, saindo da verdadeira confusão do Protestantismo que tantas vêzes mencionei no correr dêste livrinho, — é aquêlle que leva de volta à Igreja Católica, à calma e à quietude da Antiga Fé.

Se temos alguma crença real em Jesus Cristo e na sua divindade; se cremos que Ele detém a verdadeira chave para o mistério da vida humana; se cremos que só Ele pode controlar os corações e vontades imperitinentes dos homens; se cremos que as suas doutrinas são autorizadas e que somente sobre elas é que as vidas mais altas e mais nobres foram construídas no passado e podem ser construídas no futuro; se queremos tóda a certeza da verdade e todos os meios de graça que Ele pretendeu que possuíssemos, — então volvamos a nossa atenção para a Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica.

Essa Igreja, que hoje conta para mais de 400.000.000 de cristãos de tódas as nações na face da terra, foi fundada pessoalmente por Jesus Cristo. Essa Igreja foi por êle incumbida de ensinar tódas as nações em seu nome. Contra essa Igreja êle prometeu que as portas do inferno, ou as fôrças do mal, nunca prevaleceriam. E a essa Igreja êle prometeu a sua presença e proteção permanente até o fim dos tempos. E essas são as pretensões dessa Igreja, as quais ninguém tem o direito de passar por alto.

